

## PRAÇA ÓPERA "FOSCA"

Decreto nº 5762 de 17-07-1979, Artigo 1º

Formada pela praça sem denominação da Vila Boa Vista

Situada entre as ruas das Acácias, dos Cedros, dos Ébanos e dos Ipês Brancos

Vila Boa Vista

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal Francisco Amaral. Protocolado nº 12.584 de 02-05-1979 em nome de Comissão de Nomenclatura de Vias e Logradouros Públicos.

## ÓPERA "FOSCA"

Teve o grande historiador de Campinas, João Baptista de Sá, o Jolumá Brito, quando à frente da Comissão de Nomenclatura de Ruas a feliz iniciativa de propor os nomes das composições do genial maestro Carlos Gomes para a denominação de praças de nossa cidade. Esta é uma delas. Após o seu êxito com "O Guarani", Carlos Gomes quiz superar-se em uma nova ópera. Nesse trabalho o maestro campineiro pretendia tecer um hino de louvor à terra que tão cabalmente reconhecera sua força criadora. Compõe então, uma obra de inspiração francamente italiana, de grande pujança melódica. Constitui-se, talvez, na mais bela das óperas de Carlos Gomes, foi encomendada pela Casa Lucca, composta sobre um libreto de Antonio Ghislanzoni, o consagrado e célebre autor do libreto da "Aida", de Verdi, e extraído do romance de Luigi Capranica, sob o título "La Festa delle Marie". Estreiou no Teatro Scala em 16-fevereiro-1873, diante de grande público. Ouviu-se a "Fosca" com a manifestação do público inteiro aplaudindo e chamando à cena, por mais de dez vezes, ao terminar o 2º ato, o seu autor Carlos Gomes. Malgrado, esta receptividade, os méritos da partitura estiveram, na estréia, longe de ser reconhecidos. A plenitude do sentimento musical italiano da "Fosca" não impediu que a obra fosse acusada de se colocar, excessivamente, sob o signo das influências de Wagner. Por outro lado, o enriquecimento da técnica de Carlos Gomes, surpreendeu o público, que esperava obra de feição musical mais vulgar. Só cinco anos mais tarde, depois de uma sensata reforma em suas linhas técnicas, a "Fosca" voltava à cena no palco do Scala, onde com nova e bem elaborada partitura e sua belíssima profonia, reconquistou o entusiasmo da platéia, alcançando o sucesso merecido. "Fosca" é um melodrama em quatro atos, cuja ação se desenvolve parte na costa da Istria e parte em Veneza, no ano de 944. A heroína, Fosca, faz parte de um bando de piratas, que raptam o nobre

veneziano Paulo, por quem ela se apaixonou. Mas Paulo é resgatado, e volta a Veneza para se casar com Délia, em uma cerimônia coletiva, com o casamento de muitos outros jovens, na "Festa das Marias". Planejam os piratas raptarem, nessa ocasião, todas as noivas, e Fosca procura induzi-los para raptarem também, a Paulo e sua noiva. Concretizado o rapto e depois que os têm prisioneiros, Fosca oscila entre a morte e o perdão. O chefe dos corsários ficara prisioneiro em Veneza, e o seu rival, irmão de Fosca, na ânsia de assumir a chefia do bando, instiga a irmã em seus propósitos de extermínio, pois a morte do casal acarretaria, por certo, a morte do pirata aprisionado. Este, no entanto, interrogado pelo Doge de Veneza se propõe a ir salvar os dois jovens, antes que a notícia de sua morte, propalada falsamente pelo corsário que ambiciona o seu posto, determine o assassinato de Paulo e Délia. E chega a tempo, enquanto Fosca, desesperada, se suicida.

PRAÇA OPERA FOSCA



DECRETO N.º 5762 DE 17 DE JULHO DE 1979-

DENOMINA PRAÇAS NO MUNICÍPIO DE CAMPINAS

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 - Lei Orgânica dos Municípios,

DECRETA:

Artigo 1.º - Ficam denominadas as praças a seguir descritas:  
"Praça Opera Condor" a praça sem denominação do Jardim Flamboyant, situada entre as ruas Palmital e Palestina e a Av. José Bonifácio;  
"Praça Opera Salvador Rosa" a praça sem denominação do Jardim Chapadão, situada entre as ruas do Açúcar e Quintino Bocaiuva e a Av. Governador Pedro de Toledo;

"Praça Opera Lo Schiavo" a praça sem denominação da Vila Castelo Branco, situada entre as ruas Montesa, Mario Sidow, Raimundo Correia e Av. Ibirapuera.

"Praça Opera Fosca" a praça sem denominação da Vila Boa Vista, situada entre as ruas das Acácias, dos Cedros, dos Ébanos e dos Ipês Brancos.

"Praça Opera Maria Tudor" a praça sem denominação do Jardim do Lago, situada entre as Avenidas Moisés Gadia e Adão Focesi.

Artigo 2.º - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 17 de Julho de 1979.

DR. FRANCISCO AMARAL  
Prefeito Municipal de Campinas

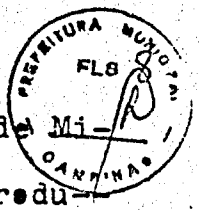
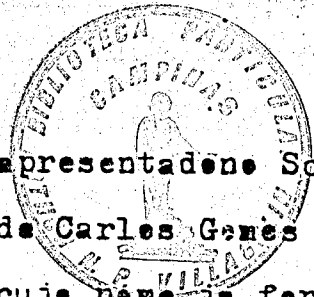
DR. CARLOS SOARES JÚNIOR  
Secretário dos Negócios Jurídicos

ENG.º LUIZ ANTONIO LALONI  
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado n.º 12584, de 2 de maio de 1979, em nome da "Comissão de Nomenclatura de Vias e Logradouros Públicos", e publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito, em 17 de Julho de 1979.

DR. ALFREDO MAIA BONATO  
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito

PRAÇA OPERA FOSCA



Dois anos depois de Il Gurani ser apresentado no Scala, de Milão, já eram conhecidos os desejos de Carlos Gomes em produzir um novo e importante trabalho, cujo nome já fora escolhido e o libretista de mestre estudava para compor os versos. Teria ela o nome de Fosca, isto ao tempo em que uma parte pequena da imprensa italiana e alguns tantos injejos de seu talento começavam a intrigá-lo nos meios musicais da Europa, notadamente da Alemanha cuja escola os italianos combatiam abertamente. E a Fosca foi produto mais da precipitação de cam-pineiro operístico, pois que sabia ele ver os italianistas inimigos declarados principalmente dos trabalhos da escola wagneriana. E diziam que o jovem compositor brasileiro era mais propenso a abandonar a linha mantida pelo autor da Aida, o que tudo lhe causava grande pesar. Já em ensaios poucos antes do nascimento do primeiro filho de Gomes, em janeiro de 1873, certo dia, saindo do teatro maior de Milão, onde fora examinar seu novo trabalho, Gomes encontrou-se com seu amigo Filipe, crítico musical milanez e seu amigo, que lhe chamou a atenção para a guerra que se movia entre as composições e escolas em luta. No entanto o Tenico de Campinas parece que não deu muita importância ao que se dizia, embora ouvisse que os italianistas não poderiam aplaudir seu novo e exaustivo trabalho, como poderia merecer. Gomes ficou furioso, sem razão. A verdade é que em 16 de fevereiro de 1873, diante de grande público das grandes noites de Milão, ouviu-se o trabalho operístico, com a manifestação de público inteiramente a seu favor, aplaudindo e chamando a cena por mais de 10 vezes a terminar o segundo ato da Fosca, vendo afinal tudo quanto a imprensa italiana sua inimiga dele escrevia em suas folhas. Mas, tudo, pelo menos momentaneamente, não possuiu de pura ilusão pois que os jornalistas que não se davam seu trabalho entraram a criticá-lo violentamente, ainda quando o público contra ele, pois se seu amigo De Filipe defendia o,

Il Pungolo ofendia e criticava e indisponde os frequen-  
 tadores da Scala contra A Fosca. Tante assim que o traba-  
 lho de Antonio Carlos Gomes durante algum tempo foi reti-  
 rado de cartaz. No entanto, depois de uma sensata reforma-  
 em suas linhas mestras A Fosca voltava á cena no grande -  
 palco de Scala, onde com nova e bem elaborada partitura e-  
 sua bellissima profefenia reconquistou o entusiasmo da pla-  
 teia que senagrada Gomes quando da apresentaçao de Il Gua-  
 rani. E, o maestro campineiro, sempre inspirado, afirmou a im-  
 prãnsa da península: Se o povo italiano quer musica italia-  
 na, ele terá musica italiana. E penseu no novo remande que  
 estava lende, O Masaniello.





# Há cem anos a ópera "Fosca" estrejava no Teatro "Scala"

Num ambiente de muita rivalidade oriunda da disputa entre adeptos intransigentes do "bel canto" italiano e dos partidários de Wagner, ou da luta ferrenha que se tratava entre as duas poderosas editoras peninsulares — Francisco de Lucca e Ricordi —, estrejou a 16 de fevereiro de 1873, no Teatro "Scala", de Milão, a ópera "Fosca", de Antonio Carlos Gomes, o Maestro brasileiro, natural de Campinas, que há cerca de três anos antes no mesmo teatro conquistara magnífico triunfo com a ópera "Il Guarany". Atribula-se, então, ao nosso Maestro, o abandono dos cânones da escola italiana em que a melodia predominava, para dar ênfase à orquestra, que também participava da ação, ao invés de restringir-se ao papel de mera acompanhante. Em sua estreia a ópera que Carlos Gomes dizia ter feito para os entendidos de música, não tinha ainda a abertura que posteriormente o Maestro compôs. Ela começava por "Preludio", que consta da primeira edição dos estabelecimentos De Lucca, seus editores.

Cinco anos depois, em 1878, entretanto, serenados os ânimos a "Fosca" voltou ao palco do "Scala", com o término da luta entre os editores, salvando a temporada. Com algumas modificações, foi então cantada quinze vezes seguidas por Tamagno, pela senhora Fossa, por Kaischaman e Maini. Representações em São Paulo. Em São Paulo ao que temos conhecimento, a ópera teve até hoje poucas apresentações.

## A ÓPERA

Encomendada pela casa Lucca, a "Fosca" foi composta sobre um libreto de Antonio Ghislanzoni, o consagrado e célebre autor do libreto da "Aida", de Verdi. Extraído do romance de Luigi Capranica, sob o título "La Festa delle Marie", a "Fosca" relaciona-

se com a história do rapto das noivas venezianas, pelos corsários de Gajolo por ocasião das nupcias coletivas.

A ação passa-se no ano de 944. Em seus 4 atos, com 6 quadros, a ópera desenvolve a ação com base na paixão e desejo de vingança de Fosca. Paulo o jovem capitão veneziano, está em poder dos piratas. Fosca está apaixonada por êle, fazendo tudo para impedir sua volta para Veneza, onde Paolo tem Délia, sua noiva, que o espera. Paolo resgatado, volta para Veneza e vai depositar Délia, quando os piratas vão à igreja e fazem o famoso rapto. Paolo e Délia são então aprisionados e depois libertados. Fosca, compreendendo que não poderia separar os noivos para ter o homem por quem se apaixonara, suicidase ingerindo veneno. Esplêndidas oportunidades são oferecidas à protagonista, que pode demonstrar seus atributos artísticos, de soprano dramático, devido à luta de sentimentos: amor, ciúme, vingança e renúncia.

Sobre a partitura musical, a filha do Maestro, Itala Gomes Vaz de Carvalho, escreveu no livro de sua autoria sobre Carlos Gomes, as seguintes palavras: "Na Fosca Carlos Gomes emprega pela primeira vez o lite-motif que lhe valeria a acusação de ser americano — grande pecado numa época em que Wagner era odiado na Itália".

Em 1880, foi apresentada a 3 de novembro, no Teatro São José, que encerrou a temporada do ano, na qual "Il Guarany" foi cantada 3 vezes, uma delas, a 1.ª daquele mês, em benefício de Carlos Gomes, presente ao espetáculo.

Do elenco que veio a São Paulo em 1880, faziam parte o tenor Bulterini que já encarnara o papel de Peri, na estreia de "Il Guarany", em 1873, em Milão, assim como o barítono Enrico Storti que

criara o papel de Gonzalez, na mesma peça na mesma ocasião.

Na temporada de 1896-97, a "Fosca" figurou ao lado de "Salvator Rosa" no repertório da companhia, que atuou no Teatro São José, sob a regência do Maestro Giorgio Polacco.

Um longo período de 36 anos transcorreu até que a "Fosca" voltasse a ser cantada novamente em São Paulo, o que ocorreu na temporada de 1933-34, no Teatro Sant'Ana, com o Maestro de Angelis na direção da orquestra.

## O MAESTRO BELARDI ENCENA A "FOSCA" EM 1966

Na Temporada Lírica Oficial de 1966, promovida pela Secretaria de Educação e Cultura, da Prefeitura do Município de São Paulo, com a colaboração da Empresa Alfredo Gagliotti, a "Fosca" foi apresentada na abertura da temporada, por um elenco sob a direção artística do Maestro Armando Belardi. O soprano dramático Ida Nicolis desempenhou o papel da protagonista, cabendo o papel de Gajolo.

## COMEMORAÇÕES EM CAMPINAS

Hoje, na Radio-Brasil, no programa de Rinaldo Ciasca, "Uma Noite no Teatro" a data será comemorada, com um programa especial. A falta de um teatro na cidade não permite que se encene a ópera como era desejo da direção da SCALA — Sociedade Campineira Lírico-Artística.

Essa sociedade, entretanto, comemorará o evento em setembro por ocasião da "Semana de Carlos Gomes", realizando uma cortina lírica com trechos da "Fosca".



Semana de Carlos Gomes (II)

# "IL GUARANY"

Seleção de RINALDO CIASCA e CATALDO BOVE



No domingo demos publicidade às histórias das duas primeiras óperas de Carlos Gomes, em idioma português: "A Noite no Castelo" e "Joanna de Flandres".

Prosseguindo, hoje apresentamos o resumo da ópera "Il Guarany", libreto de Antonio Scalvini, extraído do romance de José de Alencar e música de Antonio Carlos Gomes.

## O CASTELO

Chegam numerosos caçadores trazendo suas presas. Todos se felicitam. Dom Alvaro suporta resignado e confiante as irônicas indiretas de Gonzales. Este é despeitado, pois ambos estão apaixonados por Cecilia, filha de Dom Antonio. Este é proprietário do Castelo. Mas o preferido da moça é o jovem Dom Alvaro.

Muitos homens armandos comentam o rapto de Cecilia pelos índios Aimorés, isto em represália à morte de uma idiazinha da tribo, que foi baleada por engano. Mas a moça foi salva por um índio de outra tribo, dos Guarany, chamado Peri. O pai não hesita em chamá-lo de irmão. Peri é filho do Cacique.

Ceci está salva.

O pai anuncia o casamento de sua filha com d. Alvaro. Ouve-se os sinos da Ave Maria. Todos se ajoelham. Peri permanece, respeitosamente de pé, até o fim da prece.

## GRUTA SELVAGEM

Os aventureiros, tendo como chefe Gonzales e os companheiros Ruy Bento e Alonso, na "Gruta Selvagem" pretendem trair o dono do Castelo, para fins criminosos. O índio Peri ouve tudo.

No Castelo Dom Antonio e Cecilia, são assediados pelos traidores. Mas Peri previne Ceci.

Peri diz que quer ser o único justiceiro, contra os traidores. Nestas alturas declaram mútuo amor, num angustiante adeus.

Na gruta Peri entra rastejando e ouve o plano dos traidores, que projetam aniquilar os habitantes do Castelo, apoderando-se de todos os valores existentes. Gonzales deseja, entretanto, poupar Cecilia, a quem ama. Al Peri corre a prevenir Dom Antonio do perigo que ameaça.

## TABERNA

Ruy e Alonso chegam e contam aos outros cúmplices o ocorrido na floresta, quando sobrevem também Gonzales, que declara haver desviado a intenção de Peri. Este quase se convenceu de que Gonzales desistira da traição. E todos resolvem agir, com toda segurança.

Cecilia está em sua alcova. Um violão no canto. O luar entra pela janela e inunda o quarto com sua

claridade. Ceci admira sozinha, a noite enluarada. E adormece.

Gonzales transpõe a sacada da janela e penetra no quarto com evidente intenção de raptar Cecilia. Esta acorda assustada e uma flexa fere cruelmente a mão de Gonzales. Responde com um tiro de pistola, mas o índio foge. Cecilia reconhece nas penas da flecha as cores e Peri e se exulta.

## PERI APONTA O TRAIADOR

Os moradores do Castelo acordam assustados. Correm para o quarto de Ceci. E duma janela o índio aponta o traidor — Gonzales, que tentara raptar Ceci. Dom Antonio repele o traidor, lamentando ser traido na sua amigável hospitalidade.

Mas súbitamente todos ficam aterrorizados. O Castelo está sitiado pelos índios Aimorés. Todos imploram a proteção divina e os aventureiros unem-se aos castelões.

## CECILIA PRISIONEIRA

Cecilia está no acampamento dos Aimorés. Presa. Os índios comentam o combate do dia anterior.

Todos querem vingança contra os habitantes do Castelo. O cacique fica admirado da beleza de sua prisioneira. Todos pedem a sua morte. De repente aparece Peri preso, já desarmado. O cacique reconhece o índio guarani, amigo dos odiados portugueses.

Peri é condenado a ser degolado, após um cerimonial bárbaro. Bailados. A fogueira é preparada. Afiam-se as facas. Peri e Cecilia, a sós, exprimem seus sentimentos de amor. São vigiados, para impedir a fuga.

Cecilia desata a corda que prende Peri. Este responde que não quer ser salvo, pois tomou um veneno perigoso, pois seria devorado pelos índios. E a morte destes seria certa.

Os índios antropófagos se impacientam. O cacique detem seus índios, acrescentando que só por sua própria mão será golpeado o prisioneiro de honra — Peri.

## SALVAÇÃO

Peri oferece o peito ao Cacique, para ser apunhalado, quando ouvem-se ruídos de armas. São os portugueses, dirigidos por

Dom Antonio. O cacique é morto e Cecilia atira-se aos braços do pai. Peri toma um contra-veneno e une-se aos portugueses em perseguição aos aimorés, que tentam reagir com arcos e flechas.

## SUBTERRANEOS

O castelo está ainda cercado. Os aventureiros permanecem nos subterrâneos onde existe grande quantidade de pólvora. Eles ainda tentam trair Dom Antonio, para se apoderarem dos tesouros do Castelo. Dirigem-se para os aposentos superiores, com a intenção de assassinar o proprietário — Dom Antonio. Este surge inopinadamente, com seu fiel Pedro, da portinhola do lado direito, dizendo que ouviu tudo e que está a par da odiosa trama. Ordena a Pedro que se retire, fechando a porta, pois ele só bastará para punir os traidores.

Os aventureiros fogem para os subterrâneos. Peri entra pelos fundos. Avisa que o Castelo está sitiado pelos Aimorés. Mas Dom Antonio proclama que todos morrerão, sob o seu teto com morte honrosa para toda a sua família.

Peri propõe-se a resistir, mas Dom Antonio pede para que salve a filha, embora achasse o plano inconcebível. Mas o índio prepara sobre o fosso, atrás do Castelo, uma ponte de fibras vegetais, suspensa.

## O SALVADOR

O índio promete proteger Ceci. Ajoelha-se aos pés do fidalgo e recebe o sacramento do batismo, respeitosamente.

Chega Cecilia alvoroçada em busca do pai, sabendo que os últimos momentos do Castelo estão chegando.

Dom Antonio aponta o seu salvador, Peri, para ser levado junto aos parentes no Rio de Janeiro. A filha não quer separar-se do pai. Peri arranca-a dos braços de Dom Antonio e a leva incontinentemente. A moça desmaia. Dom Antonio diz a Peri... "foge, fuge depressa".

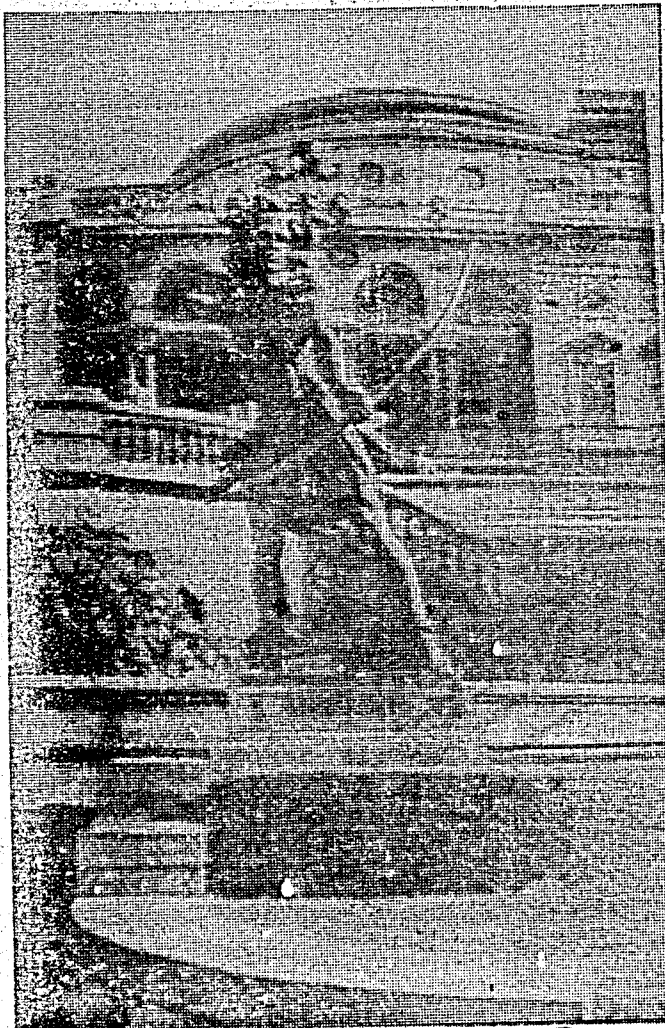
Entram os aventureiros com Gonzales à testa, que assistem a fuga dos dois. Dom Antonio interpõe-se, de espada em punho, tomando uma tocha acesa sobre a pilastra.

## DESMORONAMENTO

Dom Antonio atela fogo aos barris de pólvora, provocando tremenda explosão. Desmorona totalmente o Castelo. Todos caem mortos, enquanto que no fundo da cena se descortina o panorama dos arredores do Castelo.

Lá ao fundo vê-se o campo dos Aimorés e mais perto uma colina, sobre a qual Cecilia cal de joelhos ao ver o desmoronamento, daquele lugar onde vivera com seu pai.

Peri ampara-a carinhosamente, mostrando-lhe o céu.



Monumento de Il Guarany